

Cuba e União Soviética em Angola: 1977

Cristina Portella

Doutoranda em História Social
Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)

Luis Leiria

Jornalista
Portal Esquerda.net (Portugal)

Resumo: No dia 27 de maio de 1977, em Angola, o governo de Agostinho Neto desencadeou um processo repressivo que ocasionou a morte de milhares de aderentes do MPLA. O objetivo, de acordo com a justificação oficial, seria impedir um golpe de Estado liderado pelo ex-ministro da Administração Interna Nito Alves. Nessa altura, estavam presentes em Angola tropas cubanas e oficiais da URSS. A historiografia oferece várias interpretações para este episódio, marcante na história do país recém-independente. Este artigo discute os fatos, as causas e as consequências do “27 de Maio”, à luz de documentos cubanos recentemente desclassificados, reunidos por Piero Gleijeses, professor de política externa norte-americana na School of Advanced International Studies da Universidade Johns Hopkins, no portal do Wilson Center Digital Archive International - History Declassified.

Palavras-chave: 1. Angola, 2. MPLA, 3. Cuba, 4. União Soviética

Abstract: On May 27, 1977, in Angola, the government of Agostinho Neto triggered a repressive process that led to the deaths of thousands of MPLA members. The goal, according to official justification, would be to prevent a coup led by former Home Minister Nito Alves. At that time, Cuban troops and USSR officers were present in Angola. Historiography offers several interpretations for this episode, striking in the history of the newly independent country. This article discusses the facts, causes, and consequences of “May 27,” in light of recently declassified Cuban documents, gathered by Piero Gleijeses, a professor of US foreign policy at Johns Hopkins University School of Advanced International Studies, Wilson Center Digital Archive International Portal - History Declassified

Keywords: 1. Angola, 2. MPLA, 3. Cuba, 4. Soviet Union

Mais de 40 anos depois, o episódio político-militar ocorrido em Angola em 27 de maio de 1977 permanece um enigma. A partir desta data, milhares de militantes do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) perderam a vida acusados de atentar contra o governo do presidente Agostinho Neto.¹ Não há acordo sobre como caracterizar o que aconteceu nesse dia. Terá sido, como quer o Bureau Político do MPLA, uma tentativa derrotada de golpe de Estado liderada por Nito Alves² e José Van Dunem,³ os principais dirigentes da corrente de opinião do MPLA apelidada de “fracionista”? (ANGOLA, 1977). Ou tratou-se de uma ação militar desesperada em resposta a uma provocação montada pela fração majoritária do partido? (MATEUS, 2009; REIS, 2018) Que papel teriam cumprido os militares cubanos e soviéticos presentes em Angola naquele período?

As dificuldades para se chegar a uma definição mais precisa dos acontecimentos prendem-se com um problema básico: a falta de informação. Esta é de tal maneira escassa que mesmo recolhendo as reportagens de imprensa da época e tudo o que foi escrito depois é impossível estabelecer uma cronologia credível dos acontecimentos no próprio dia 27 de maio.

Sabe-se que houve uma enorme diferença entre o apoio decisivo dado pelos cubanos ao governo de Agostinho Neto e a imobilidade em que se mantiveram o pessoal da embaixada e os assessores soviéticos presentes em Angola. Enquanto a direção cubana reagiu rapidamente, a posição oficial de Moscou

¹ Agostinho Neto (1922-1979) presidiu o MPLA de 1963 até à sua morte e foi o primeiro presidente de Angola.

² Nito Alves (1945-1977) comandou a 1ª Região Militar do MPLA, a norte de Luanda, assumiu o Ministério do Interior após a independência e tornou-se crítico dos privilégios usufruídos pelos dirigentes do partido.

³ José Van Dunem (1951-1977) integrou o Exército colonial e foi detido por passar informações à guerrilha; libertado após o 25 de Abril, foi eleito para o Comité Central do MPLA.

demorou quatro dias a ser divulgada (GLEIJESES, 2006; BIRMINGHAM, 2015, p. 89-90).

Não há sequer acordo em relação ao número de mortos provocado pela repressão sanguinária que ocorreu nos dias, meses e até anos após o “27 de maio” – e é duvidoso se algum dia será possível determiná-lo. Enquanto a cifra habitualmente admitida aponta para os 30 mil mortos, há versões que chegam às 80 mil vítimas mortais em todo o país, a maioria por execução sumária sem julgamento (MATEUS, 2009, p. 151-152). Mesmo mortes mais que confirmadas, como as de Nito Alves, José Van Dunem e Sita Valles,⁴ nunca foram reconhecidas pelo governo angolano, que se recusa a fornecer certidões de óbito e informar onde estão sepultados os seus restos mortais.⁵

Neste artigo, analisamos informações relevantes contidas em três importantes documentos do arquivo online *Visions of Freedom: New Documents from the Closed Cuban Archives*,⁶ para verificar em que aspectos elas negam, confirmam ou aprofundam conclusões que até hoje se retiram sobre o episódio.

Um breve resumo

Recordemos os antecedentes e as consequências do dia 27 de maio de 1977 em Angola, menos de dois anos decorridos da sua independência, a 11 de novembro de 1975.⁷ Crescentes desde então, as divergências entre o grupo reunido em torno de Nito Alves, ministro da Administração Interna, e a maioria da direção política do MPLA explodiram na 3ª Reunião Plenária do

⁴ Sita Valles (1951-1977) nasceu em Angola, foi para Lisboa em 1971 para estudar medicina e liderou a União dos Estudantes Comunistas, ligada ao PCP; em junho de 1975 volta para Angola, adere ao MPLA e casa-se com José Van Dunem.

⁵ Em 1992, João Van Dunem, jornalista da BBC, requereu ao então ministro da Justiça angolano, Lázaro Dias, certidões de óbito do seu irmão José Van Dunem e de Sita Valles. Nada conseguiu (CABRITA, 1992).

⁶ Link original do arquivo: <https://www.wilsoncenter.org/publication/visions-freedom-new-documents-the-closed-cuban-archives#intro>

⁷ Sobre a luta de libertação em Angola ver Mabeko-Tali (2018); Bittencourt (2008) e Pacheco (2016).

Comitê Central (CC) do MPLA, realizada entre 23 e 29 de outubro de 1976. Essas diferenças são sintetizadas por Nito Alves desta forma: “Duas posições, essencialmente falando, travam uma árdua e acesa luta em torno da questão da organização, do problema da unidade no seio do MPLA, do tema da ditadura democrática revolucionária e do Poder Popular” (ALVES, 1977, s/p).

Nessa 3ª Reunião Plenária, Nito e José Van Dunem, comissário político nacional das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA), são acusados de “fracionismo”. Perante o seu desmentido, o CC decidiu formar uma comissão de inquérito presidida por José Eduardo dos Santos, do Bureau Político (e futuro sucessor de Agostinho Neto na presidência do país), para investigar o fracionismo no partido. Ao mesmo tempo, porém, e sem esperar qualquer conclusão desta comissão, o órgão dirigente extinguiu o Ministério da Administração Interna, ao mesmo tempo que fechava o *Diário de Luanda* e o programa radiofônico “Povo em Armas”, considerados tribunas de Nito Alves. Antes o governo já abolira o programa radiofônico “Kudibanguela”, também influenciado por Nito (MABEKO-TALI, 2018, p. 577).

Além disso, o CC decidiu também que só os cidadãos angolanos tinham direito ao cartão do partido, uma medida destinada a afastar das funções partidárias a companheira de José Van Dunem, Sita Valles, que vivera a revolução portuguesa de 1974, fora um quadro político do Partido Comunista Português (PCP) e chegou a Luanda em julho de 1975 (*ibid.*). Ao verificar que Sita era, de fato, angolana, apesar de ter iniciado a sua atividade militante em Portugal, onde fora estudar Medicina, Lúcio Lara,⁸ secretário do Bureau Político e vice-presidente do MPLA, alterou a decisão para abranger também os militantes que tinham pertencido a outro partido que não o MPLA (FIGUEIREDO, 2010, loc. 901; MATEUS, 2009, p. 78). Antes, o Bureau Político já afastara José Van Dunem do comissariado político das FAPLA.

Ao entrar o mês de maio de 1977, o clima de tensão e de luta surda entre as duas alas prenunciava uma ruptura iminente. O *Jornal de Angola* iniciara uma campanha sistemática contra os “fracionistas”, referindo-se a Nito Alves e os que o seguiam. A 15 de maio publicou um editorial intitulado “O racismo das

⁸ Lúcio Lara (1929-2016), filho de pai português e mãe angolana, estudou em Lisboa, envolveu-se nas movimentações nacionalistas nos anos 1950, foi secretário-geral do MPLA e braço direito de Agostinho Neto.

lagartixas”, não assinado, mas atribuído ao seu diretor, Costa Andrade (“Ndunduma”), que afirma: “Uma das características evidentes do pequeno grupo de lagartixas que jogam no fracionismo é o seu inegável racismo (...). A República Popular de Angola e as autoridades revolucionárias têm sido muito tolerantes com o pequeno grupo que se sente forte por essa tolerância.” (FIGUEIREDO, 2010, loc. 1507).

No dia 20 de maio, o CC decide expulsar desse organismo Nito Alves e José Van Dunem. Os pedidos para que ambos fossem presos terão sido rejeitados por Agostinho Neto, que convida os dois para almoçar no Palácio Presidencial. Durante este almoço, que terá ocorrido a 22 ou 23, ambos recusam o pedido de Neto de fazerem uma autocrítica pública, e o presidente terá advertido: “A partir de agora já não me responsabilizo pela vossa integridade física”. (MABEKO-TALI, 2018, p. 580).

Logo após a reunião do CC, na tarde do dia 21, Agostinho Neto preside a um comício na Cidadela Desportiva de Luanda, onde anuncia a expulsão de Nito Alves e José Van Dunem, fazendo depois uma apologia de Lúcio Lara e do ministro da Economia, Carlos Rocha “Dilolwa”,⁹ que teriam sido alvo de ataques dos chamados “nitistas” durante a reunião do CC (*ibid.*, p. 585). Um militante que tentou pedir a palavra para questionar as decisões foi imediatamente cercado por agentes da Direção de Informação e Segurança de Angola (DISA) e preso (MATEUS, 2009, p. 84).

No dia 26, o Bureau Político aprova uma declaração, lida por Lúcio Lara na TV e na rádio, acusando os “nitistas” de quererem atingir a “unidade indestrutível” entre o MPLA e a União Soviética, e afirmando que o “novo fracionismo” era o resultado do oportunismo político e da fraqueza da consciência política dos seus promotores (MABEKO-TALI, 2018, p. 585). “Aquela declaração do Lara parecia a última provocação para levar alguém a perder as estribeiras”, interpretou, mais tarde, o engenheiro angolano Jorge Fernandes, preso no “27 de Maio” (LEIRIA, 2017b).

As operações militares do “27 de Maio” começaram às 4 horas da manhã. Um número indeterminado de comandos armados “nitistas” tentou deter

⁹ Carlos Rocha “Dilolwa”, quadro histórico do MPLA, foi um dos responsáveis pela criação dos Centros de Instrução Revolucionária (CIR) e assessor de Agostinho Neto, abandonando a vida política e o MPLA em 1978.

quadros civis e militares do regime, entre os quais Carlos Jorge, da DISA (MATEUS, 2009, p. 84; REIS, 2017, p. 22).¹⁰ Ao mesmo tempo, o destacamento feminino da 9ª Brigada de Infantaria Motorizada, pró-Nito Alves, liderado pela comandante Elvira da Conceição, “Virinha”, e pela Comissária política Fernanda Delfim, “Nandy”, ataca a cadeia de São Paulo usando blindados soviéticos. Há um duro combate que se prolonga por horas e no qual há baixas dos dois lados, até que as tropas atacantes saem vitoriosas. Foram então libertados presos vinculados a Nito Alves.

Por volta das 6 horas da manhã daquele mesmo dia, a Rádio Nacional foi ocupada pela mesma 9ª Brigada, e os luandenses voltaram a escutar o banido programa radiofônico “Kudibanguela”. Multiplicam-se então as proclamações revolucionárias, pedindo a libertação dos presos “sem culpa formada” e mais especificamente de Nito Alves e José Van Dunem.

Duas horas depois, às 8 horas, o locutor da Rádio Nacional ocupada convocou uma manifestação em frente ao palácio presidencial. Manuel Beça Múrias, único jornalista português presente no local, relata:

“de diversos bairros populares (musseques) começam a descer à cidade grupos de populares com o propósito de se concentrarem em frente ao Palácio do Povo (o “Palácio do Governo” colonial) a fim de (...) protestarem contra as condições de vida em Luanda. Muitos foram interceptados violentamente a meio caminho, mas outros, por portas e travessas, acabaram por afluir ao palácio da frente do qual foram expulsos à rajada, julgando-se que muitas foram as pessoas que neste incidente perderam a vida (MÚRIAS, 1977, p. 18).

A repressão denunciada pelo jornalista diante do palácio presidencial marcou o momento-chave em que as tropas cubanas entraram em ação ao lado do governo do MPLA. Foi o comandante da Guarda Presidencial, o cubano Rafael Moracén Limonta, que deu a ordem, como ele próprio relata em entrevista ao *Granma*: “Tinha passado toda a noite do 26 ao 27 sem dormir. Quando ouvi os disparos, fui para o Palácio. Ao chegar deparei-me com uma manifestação que avançava com os militares golpistas com o objetivo de tomar a

¹⁰ Além da tentativa (falhada) de detenção de Carlos Jorge, outras ações certamente ocorreram. Mabeko-Tali (2018) escreve sobre tiroteios em muitos lugares de Luanda, o que é corroborado pelo jornalista Fred Aflalo, da revista *IstoÉ* de 8 jun. 1977.

Presidência. Dei a ordem de que não se podiam apoderar do Palácio.” (BAEZ, 2017).¹¹

A repressão levou os locutores da Rádio Nacional a mudarem a convocatória da manifestação para a frente do edifício da própria rádio. Entretanto, Moracén Limonta recebera a ordem de ir retomar a Rádio Nacional. Às 14 horas, a 9ª Brigada ter-se-á rendido às tropas cubanas, reconhecendo não ter qualquer alternativa diante dos tanques que estas dispunham, muito superiores aos seus blindados (MATEUS, 2009, p. 95).

No início da tarde, o presidente Agostinho Neto vai à televisão e afirma que membros da direção política e das Forças Armadas tentaram por via das armas manifestar o seu descontentamento pelas sanções disciplinares que lhes tinham sido aplicadas pelo Comitê Central do MPLA. Naquele momento, o tom usado pelo presidente ainda era moderado: “Eles foram expulsos e, na minha opinião, foram muito bem expulsos do Comitê Central. E terão de fazer um grande trabalho de reabilitação para poderem regressar às fileiras do Movimento como dirigentes”, disse Neto (MABEKO-TALI, 2018, p. 536).

Um telegrama da embaixada portuguesa descrevia:

“A calma que reina em Luanda após a tomada da Rádio Nacional não significa paz e deixa prever novos incidentes, pois receia-se que, após a derrota desta manhã, as massas populares armadas tenham refluído para os musseques. No momento da redação deste telegrama (17:00) ouviu-se intenso tiroteio na zona do Bairro Operário.” (PEREIRA, 2015)

Na sua segunda mensagem televisiva, por volta das 18 horas, o tom de Agostinho Neto ficara mais duro, ao informar que os insurretos tinham detido alguns altos dirigentes civis e militares, sobre os quais desconhecia-se o paradeiro: “Não haverá para aqueles que se introduziram numa luta contra o MPLA qualquer espécie de contemplação, qualquer espécie de perdão. (...) Não há mais tolerância” (*ibid.*). No dia seguinte, Agostinho Neto voltou à TV para anunciar que os desaparecidos tinham sido mortos e os seus cadáveres encontrados parcialmente carbonizados numa ambulância incendiada. “Os fracionistas não hesitaram em matar os nossos camaradas, em matar os nossos

¹¹ Todas as citações de discursos e de documentos cubanos, assim como de livros em inglês, foram traduzidas pelos autores deste artigo.

compatriotas”, disse o presidente e ameaçou: “Certamente, não vamos perder muito tempo com julgamentos. (...) Seremos o mais breves possível.” (MABEKO-TALI, 2018, p. 536).

Este pronunciamento do presidente da República deu origem a um banho de sangue de proporções descomunais que afetaria toda a história contemporânea de Angola. Jean-Michel Mabeko-Tali, que além de historiador do MPLA também foi testemunha dos acontecimentos, resume: “Foram organizadas rusgas nos bairros mais atingidos pelas redes nitistas, especialmente no Sambizanga, a norte da cidade, e também no Rangel e noutros musseques ‘quentes’ da capital” (*ibid.*, p. 537).

Um depoimento recolhido muitos anos mais tarde pela jornalista Lara Pawson recorda a invasão do Sambizanga pelos blindados cubanos: “Os tanques entraram no Sambizanga e arrasaram o bairro. Destruíram mais de 100 casas aqui.” (PAWSON, 2007, p. 172). Dois moradores do bairro ouvidos por Pawson “calculam que cada família do Sambizanga perdeu pelo menos um ou dois membros. ‘Foi como na guerra’ (...). ‘Conhece alguma família que não foi afetada? Foi o mesmo com o fracionismo’” (*ibid.*, p. 173).

Voltemos a Mabeko-Tali:

“Esta deriva da repressão será particularmente ilustrada nas províncias, onde serão abertos campos de concentração. (...) Estes campos revelar-se-ão autênticos lugares de exterminação pela morte lenta – a fome, a falta de qualquer assistência médica e as execuções sumárias sob todos os pretextos. Um universo concentracionário do qual os testemunhos dos sobreviventes traçam um quadro digno dos cárceres siberianos da época estalinista.” (MABEKO-TALI, 2018, p. 537)

O arquivo de Piero Gleijeses

Em outubro de 2013, o professor Piero Gleijeses tornou público, no site do Wilson Center, o arquivo online *Visions of Freedom: New Documents from the Closed Cuban Archives*, composto por cerca de 3.400 páginas de documentos dos arquivos cubanos posteriores a 1959, até então totalmente fechados ao conhecimento público ou ao estudo dos investigadores. Gleijeses, um académico ítalo-americano, professor de política externa norte-americana na

School of Advanced International Studies da Universidade Johns Hopkins e autor de vários livros de referência sobre o período final da Guerra Fria em África, convencera as autoridades cubanas a lhe fornecerem cópias de todos os documentos que consultara para escrever seus livros *Conflicting Missions: Havana, Washington, and Africa, 1959-1976* (2002) e *Visions of Freedom: Havana, Washington, Pretoria, and the Struggle for Southern Africa, 1976-1991* (2013).

Os três importantes documentos que trazem luz a alguns pontos obscuros sobre o “27 de Maio” e analisaremos neste artigo são:

– O informe escrito por Raúl Castro e dirigido ao Bureau Político do Comitê Central do Partido Comunista de Cuba (PCC), de 19 de abril a 7 junho de 1976;¹²

– O relatório do chefe da Missão Civil de Cuba em Angola, Jorge Risquet,¹³ a Fidel Castro, de 13 de julho de 1976;¹⁴

– E o Memorando enviado por Raúl a Fidel Castro em 14 de junho de 1977.¹⁵

O informe de Raúl Castro: um documento esclarecedor

Entre os dias 20 de abril e 3 de junho de 1976, Raúl Castro, segundo secretário do Comitê Central do PCC e Ministro das Forças Armadas Revolucionárias de Cuba, visitou Angola, numa longa estadia que não foi tornada pública. A descrição minuciosa desta viagem está no informe de 182 páginas escrito por ele e dirigido ao Bureau Político do Comitê Central do PCC.

¹² WCDAI-HD, Informe al Buró Político del segundo secretario del Comité Central del Partido Comunista [...], 19 abr. a 7 jun. 1976. Disponível em: <http://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/117920> .

¹³ Jorge Risquet (1930-2015), membro do CC do PCC, presidiria a delegação cubana nas negociações que conduziram ao acordo de Nova York, em 1988, determinando a independência da Namíbia e a retirada das tropas sul-africanas e cubanas de Angola.

¹⁴ WCDAI-HD, Jorge Risquet to Fidel Castro, 13 jul. 1976. Disponível em: <http://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/11792> .

¹⁵ WCDAI-HD, Memorandum, Raúl Castro to Fidel Castro, 14 jun. 1977. Disponível em: <http://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/117927> .

Pela sua extensão e minúcia, trata-se de um documento precioso e a muitos títulos esclarecedor, tanto dos vínculos de confiança que a mais alta direção cubana mantinha com Agostinho Neto, como também sobre as relações de cubanos e angolanos com a União Soviética. Contém também algumas referências às divergências que já se explicitavam no Bureau Político do MPLA e especificamente alusões a Nito Alves e à sua relação com os soviéticos.

Raúl Castro chegou a Luanda seis meses após a proclamação da independência de Angola e menos de um mês depois de as últimas tropas da África do Sul terem saído do território angolano, derrotada que foi a tentativa de instaurar no poder a sua aliada União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA).¹⁶ Angola vivia, assim, um período – que viria a demonstrar-se curto – de relativa acalmia e de controle do governo do MPLA sobre todo o território nacional. Vitorioso militarmente na guerra contra os outros dois movimentos de libertação,¹⁷ derrotadas as invasões de tropas estrangeiras (Zaire, no Norte do país, e África do Sul, que atravessou a fronteira meridional), o governo angolano consolidava-se. O reconhecimento internacional confirmava este processo: depois de países como o Brasil ou a Suécia terem reconhecido o novo governo de Luanda, chegara a vez de a própria Organização de Unidade Africana (OUA) o fazer, em 10 de fevereiro de 1976 (ANDREW; MITROKHIN, 1976, p. 589).

A situação do governo do MPLA parecia tão estável que uma das propostas que Raúl Castro levou a Luanda foi a redução gradual do contingente militar cubano estacionado no país, até que ficassem apenas instrutores¹⁸ (INFORME AL BURÓ POLÍTICO, 1976, p. 11-13). O plano tinha em conta a consolidação do novo poder em Angola, ao mesmo tempo que procurava apaziguar o governo de Gerald Ford, que reagira ao envolvimento militar de Cuba em Angola

¹⁶ As últimas tropas sul-africanas abandonaram território angolano em 27 de março de 1976 (GLEIJESES, 2006, p. 7).

¹⁷ Além da UNITA, havia a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), eclipsada após ser derrotada, junto com tropas do Zaire, na batalha de Kifangondo, a 10 novembro de 1975, pelas FAPLA e pelo destacamento cubano.

¹⁸ Entre novembro de 1975 e abril de 1976 desembarcaram em Angola 36 mil militares cubanos. Este número viria a atingir o seu ponto mais alto em 1988, quando o destacamento cubano totalizou 52 mil militares. (GLEIJESES, 2006, p. 3)

congelando a *détente*,¹⁹ uma política que até então fora a principal bandeira das relações exteriores de Moscou. A intervenção cubana, com apoio soviético, surgira na contramão da *détente* e a colocava em sério perigo.²⁰ A proposta foi aceita por Agostinho Neto, mas com muitas modificações, e a evolução da situação militar no sentido da retomada das hostilidades provocou o seu posterior abandono.

Os cubanos e o MPLA

Esse mesmo informe de Raúl Castro ao PCC mostra de forma eloquente como os militares e civis cubanos preencheram a aflitiva falta de quadros de que padeciam o novo governo de Angola e as suas Forças Armadas. Os angolanos não dispunham de pilotos para os caças MiG que a União Soviética fornecera a Angola, e por isso, na contraproposta apresentada por Agostinho Neto ao plano de retirada de tropas cubanas, se pedia a permanência dos pilotos. Os angolanos também dependiam da rede de comunicações montada pelos cubanos, de seus serviços de manutenção e reparação de equipamentos, assim como de seus médicos. Neto pediu também instrutores cubanos e soviéticos para “fazer um trabalho conjunto para a formação acelerada dos quadros e especialistas do Exército angolano” (GLEIJESES, 2002, p. 13).

O informe de Raúl Castro comprova, ainda, as relações de confiança que uniam a liderança cubana a Agostinho Neto. A iniciativa de criar uma guarda presidencial muito musculada foi apresentada pelo próprio Raúl Castro em 23 de abril de 1976, alegando a necessidade de reforçar a segurança pessoal do presidente angolano, “a exemplo das experiências bem-sucedidas em Cuba na luta contra os planos criminosos da CIA para assassinar Fidel Castro e outros dirigentes” (INFORME AL BURÓ POLÍTICO, 1976, p. 40). Ele propôs, com a concordância de Neto, “ampliar as forças de segurança pessoal do presidente até

¹⁹ *Détente* (em português desanuviamento) foi uma política de redução de tensões entre a União Soviética e os Estados Unidos nos anos 1970 e início dos 80, com a redução dos arsenais nucleares e no aumento do comércio e cooperação entre ambos países.

²⁰ Sobre o conflito entre a política soviética da *détente* e a intervenção militar em Angola, ver Gleijeses (2002), especialmente o capítulo 16, “Repercussions”.

convertê-las num batalhão, com 10 tanques, alguns blindados, comunicações, etc.”, oferecendo os meios e instrutores para formar esta unidade, que abarcaria a guarnição no Futungo de Belas (o bairro de Luanda onde vivia e geralmente trabalhava Neto) e a do palácio presidencial.

A Guarda Presidencial ganhou assim, desde a sua formação, maior poder de fogo que a 9ª Brigada de Infantaria motorizada, sediada em Luanda. Esta dispunha de blindados, mas não de tanques, e, portanto, não tinha qualquer possibilidade de sustentar um combate com o regimento cubano na capital.

Durante a sua estadia, Raúl Castro manteve onze reuniões com o presidente angolano, nas quais foram discutidas com minúcia as necessidades e políticas do governo de Angola, as suas relações exteriores e as suas Forças Armadas. Assuntos como Cabinda – o enclave pertencente a Angola onde se concentra a exploração petrolífera – foram debatidos até o pormenor e em mais do que uma oportunidade. Na despedida, Agostinho Neto disse que Raúl Castro não precisava de convite para voltar a Angola, “está convidado permanentemente e oxalá que quando regressar possa ser uma visita pública para que o nosso povo tenha a oportunidade de conhecê-lo” (INFORME AL BURÓ POLÍTICO, 1976, p. 175).

A mesma relação de confiança abrangia alguns dos principais colaboradores de Neto, como Ludy Kissassunda:

“O chefe da Segurança Angolana, Comdt Ludy, é membro do Buro Político, trabalha muito bem com os cubanos, é dinâmico e inteligente, estudou dois anos numa escola política na Bulgária pelo que possui bons conhecimentos políticos e muita firmeza ideológica, telefona diariamente e a qualquer hora a Mendez Cominches²¹ e com este viaja constantemente por todo o país, inaugurando as escolas de Segurança” (*ibid.*, p. 111)

Raúl Castro elogia também o comandante *Dangereux*,²² (a que se refere como “Dangeré”), descrito como o “chefe de operações do EMG FAPLA, que,

²¹ Joaquín Méndez Cominches era o chefe da Dirección General de Inteligencia (DGI) cubana e foi enviado para Angola para assumir as operações de segurança naquele país (MONTOTO, 2015).

²² Diogo Paulo Francisco (“Dangereux”) foi um dos militares e civis fiéis ao governo cujos cadáveres carbonizados apareceram numa ambulância no dia 27 de maio de 1977.

diga-se de passagem, pareceu-me um grande tipo, muito amigo dos cubanos, bastante inteligente e ativo com o qual pude conversar bastante de outras muitas coisas.” (INFORME AL BURÓ POLÍTICO, 1976, p. 94-95). Embora nada diga em desabono de Iko Carreira, ministro da Defesa, e de Lúcio Lara, o número 2 do estado angolano, Raúl Castro não deixa de assinalar que esperava mais contatos com ambos.

Nito Alves *versus* Lopo do Nascimento

O documento que analisamos fornece evidências inequívocas de que nos meses em que se realizou a viagem de Raúl Castro já estava em curso uma surda batalha política entre o ministro da Administração Interna, Nito Alves, e os seguidores de Agostinho Neto, nomeadamente Lopo do Nascimento, o primeiro-ministro de Angola. Logo na primeira reunião com Castro, Nascimento observara, de passagem, que “no seio do Bureau Político do MPLA temos algumas divergências políticas e ideológicas que temos de discutir.” (*ibid.*, p. 43).

Numa segunda reunião, Lopo voltara a mencionar “a existência de algumas contradições internas, ainda que não precisou a quais se referia” (*ibid.*, p. 124). Raúl Castro atribui as contradições “a problemas que se confrontam com Nito Alves, o ministro da Administração que atende aos Poderes Populares e com o qual Lopo mantém sérias contradições” (*ibid.*, p. 126). Esta frase mostra que o dirigente cubano já estava informado das divergências em curso. Na mesma conversa, Lopo afirma que membros da embaixada soviética procuravam “destacar algumas figuras” (*ibid.*, p. 125). Raúl Castro entende que Lopo se refere a Nito Alves como uma delas.

Mas foi no segundo documento analisado, o relatório do chefe da Missão Civil de Cuba em Angola, Jorge Risquet, a Fidel Castro, que o tema Nito Alves mereceu uma abordagem mais extensa. O documento é de 13 de julho de 1976, pouco mais de um mês depois da partida de Raúl Castro de Angola. Risquet relata que informou ao presidente de Angola sobre as sucessivas tentativas de aproximação de que fora alvo por parte de Nito, a propor-lhe um intercâmbio de experiências e opiniões, “como internacionalistas, ultrapassando o estreito

chauvinismo” (RELATÓRIO, 1976, p. 5). O cubano ponderou a Agostinho Neto que não podia continuar a esquivar-se, já que se tratava de um membro do Bureau Político e ministro.

Neto explicou então que Nito Alves era para ele um problema porque “fala muito e a sua atividade tende a criar uma fração dentro do MPLA e sabemos que há gente dentro do Movimento que o apoia” (*ibid.*, p. 5). E acrescentou: “Não posso dizer agora se Nito é uma pessoa recuperável. Estamos a vigiar as coisas de Nito”. Para o presidente angolano, tratava-se de alguém que tinha feito algumas leituras, mas não as digeriu bem. “Tenta copiar mecanicamente algumas situações, fazendo comparações se este é igual a Kamenev, este a Zinoviev e este a Trotsky”, descreveu, acusando o seu ministro da Administração Interna de achar que tem sempre razão. “Ainda agora critiquei-o por tomar posições que não são as do MPLA e não reagiu muito bem, por isso temos de estudá-lo”, disse Neto, segundo Risquet. E prosseguiu: “Sabemos que Nito está rodeado de um grupo de pessoas que se dizem membros do Partido Comunista de Portugal, mas que na verdade são pessoas que nunca fizeram nada pela revolução no seu país” (*ibid.*, p. 6), dando a entender que teria sido uma dessas pessoas que escrevera parte do último discurso de Nito Alves.

Outra acusação do presidente de Angola a Nito Alves que consta no relatório é a de desconhecer o papel das FAPLA, de não dar qualquer importância aos problemas económicos e de “só confiar no poder popular dos bairros de Luanda, como se Luanda fosse toda a Angola” (*ibid.*, p. 7). Risquet pergunta-lhe então sobre as relações entre Nito Alves e “Monstro Imortal”,²³ o chefe de Estado-Maior das Fapla, ao que Agostinho Neto responde que “havia relações entre ambos, pois vinham da Primeira Região,²⁴ mas que “Monstro” tinha um carácter muito diferente de Nito”.

O chefe da Missão Civil de Cuba em Angola propõe então ao presidente angolano aproveitar a oportunidade que “Nito me oferece insistentemente para

²³ João Jacob Caetano, “Monstro Imortal” (1941-1977), comandante da guerrilha do MPLA, tornou-se uma figura lendária por sobreviver nas condições mais difíceis e atingir os objetivos.

²⁴ Primeira Região Militar: no mapa da guerrilha do MPLA contra o colonialismo, era a região mais próxima de Luanda, que ficou famosa pela resistência aos ataques do exército português, apesar de isolada das outras regiões militares.

explicar-lhe as nossas experiências e criticar fraternal e cuidadosamente os pontos de vista falsos e nocivos que podem encontrar-se nos seus discursos”. Isto, se Neto autorizasse e mantendo-o informado.

“Se Nito for uma pessoa recuperável que procura honestamente as nossas experiências e opiniões, isto era útil, ponderou Risquet. Se Nito o que procura é congregar-se conosco para obter apoio às suas posições falsas, então também seria útil, pois se daria conta de que estas não terão o nosso apoio e isto o faria necessariamente refletir” (*ibid.*, p. 8).

Agostinho Neto aceitou a proposta: “O presidente respondeu que estava de acordo que falássemos com Nito, lhe assinalássemos as coisas boas e más e depois o informássemos dos resultados”. Infelizmente, não sabemos se a conversa entre Risquet e Nito Alves realmente aconteceu e que resultados obteve.

Castro e os "camaradas soviéticos"

No dia 26 de abril de 1976 faleceu em Moscou o marechal Andrei Grechko, ministro da Defesa da União Soviética, e Raúl Castro teve de interromper a estadia em Angola para comparecer aos funerais. Viajou no dia 28 e regressou a Luanda no dia 6 de maio, depois de ter participado nas cerimónias fúnebres, assistido ao Primeiro de Maio na tribuna oficial e mantido muitos contatos, dos quais se destacam as reuniões com o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da União Soviética, Viktor Kulikov, e com o segundo secretário e principal responsável pela ideologia do PCUS, Mikhail Suslov. As reuniões ocorreram no marco de um grande contentamento por parte dos soviéticos com a atuação dos cubanos e a coordenação entre os dois países nas operações em Angola.

Raúl Castro informou que um dos secretários do Comitê Central do partido cubano iria ficar em Angola durante todo o tempo de permanência das tropas cubanas no país: “Recebeu instruções estritas de Havana para estar em estreito contato com os companheiros soviéticos e realizar a sua atividade em completa colaboração com eles” (INFORME AL BURÓ POLÍTICO, 1976, p. 56). Mikhail Suslov respondeu que as mesmas instruções haviam sido dadas aos representantes

soviéticos no país: “No caso de surgirem algumas questões novas, propostas, ideias, já temos uma grande experiência de coordenação das nossas ações aos mais diversos níveis”.

Havana e Moscou viviam então um momento alto das suas relações e partilhavam os mesmos pontos de vista sobre Angola. Mas esta unidade, explicável em grande parte pelo sucesso político e militar que constituíram a proclamação da independência de Angola sob a égide do MPLA e a derrota imposta à primeira invasão sul-africana, tem de ser compreendida à luz de uma história de relações muito diferenciadas entre ambos e a direção do MPLA.

Os soviéticos e a liderança angolana

Cuba mantinha relações estreitas com o MPLA desde 5 de janeiro de 1965, quando Che Guevara se encontrou em Brazzaville com Agostinho Neto, Lúcio Lara e Luís de Azevedo²⁵ (GEORGE, 2005, p. 22) e os cubanos acederam ao pedido dos angolanos de enviar instrutores militares para treinar os guerrilheiros do Movimento. Na chefia política da Coluna 2 (batalhão Patrice Lumumba), que se instalou em Brazzaville em abril de 1965, em resposta à solicitação da direção angolana, estava Jorge Risquet (*ibid.*, p. 27). O já também citado Rafael Moracén Limonta, por sua vez, seria um dos primeiros instrutores cubanos a preparar militarmente os guerrilheiros do MPLA. O fato de onze anos depois, estarem ambos novamente em Angola em missões de relevo é um testemunho da solidez das relações dos cubanos com a direção de Agostinho Neto.

Já os soviéticos viam o MPLA com outros olhos. O histórico de fracionalismo e deficiente organização do MPLA, que chegou às vésperas da Revolução dos Cravos de 1974 dividido em três alas – a de Neto, a Revolta do Leste de Daniel Chipenda e a Revolta Ativa – desesperavam os soviéticos. Ao contrário dos cubanos, os soviéticos viam a liderança de Agostinho Neto com permanente suspeita, procurando levá-la a concluir acordos com outros movimentos (primeiro com a FNLA, depois com a UNITA), ou a respeitar os

²⁵ Membro do primeiro Comitê-Diretor do MPLA em Conakry, em 1961.

acordos de Alvor de 1975, com o governo português, que previam uma independência sob a égide de um governo composto pelos três movimentos de libertação (WESTAD, 1996/1997, p. 23).

Mesmo depois de se terem decidido a apoiar abertamente o MPLA, diante da evidência do maciço financiamento clandestino da FNLA pela CIA e da invasão da África do Sul ao lado das forças da Unita, os soviéticos mantiveram muita desconfiança em relação à liderança de Neto. Odd Arne Westad, historiador norueguês que teve acesso aos arquivos soviéticos depois da queda do Muro de Berlim, relata a visão de Moscou em relação ao MPLA e ao seu futuro, no momento que se seguiu à vitória sobre os sul-africanos:

“O movimento angolano sofrera antes a praga dos ‘carreiristas e companheiros de viagem’, mas, devido à orientação soviética, os ‘internacionalistas’ estavam em ascensão. Estes novos líderes – como Lopo do Nascimento e Nito Alves – compreendiam que o MPLA era parte de um movimento revolucionário internacionalista liderado por Moscou e que eles, tanto naquele momento quanto no futuro, dependiam do apoio soviético” (*ibid.*, p. 28).

E prosseguia:

“Eram esses ‘internacionalistas’ que Moscovo queria apoiar na construção do novo MPLA, modelado pela experiência do PCUS. Apontando para as más condições da organização do MPLA em várias áreas, os especialistas soviéticos na construção partidária sugeriam que este era um terreno no qual Nascimento, Alves e outros deveriam concentrar as suas atividades. Assumindo a liderança da construção da organização partidária, eles seriam também os futuros líderes do partido marxista-leninista em Angola” (*ibid.*, p. 28)

O curioso dessa posição dos soviéticos é que apostavam em dois dirigentes do MPLA que se encontravam totalmente incompatibilizados.

No Informe al Bureau Político, Raúl Castro cita uma reunião com Lopo do Nascimento, em que também participaram Jorge Risquet e o embaixador de Cuba em Angola, Oscar Oramas. Um dos pontos levantados pelo então primeiro-ministro de Angola foi o apoio de membros da embaixada soviética a “algumas figuras” do MPLA: “Falando francamente, agora quando for à União Soviética não sei se digo que há alguns elementos da embaixada soviética que tentam apoiar e destacar algumas figuras. Talvez digamos isso para que retirem

alguns funcionários daqui, e queríamos a vossa opinião sobre estes problemas” (INFORME AL BURÓ POLÍTICO, 1976, p. 125).

Raúl Castro compreende que Nascimento se está a referir a Nito Alves:

“Em primeiro lugar disse-lhe que havia que evitar qualquer intriga contra os soviéticos e os cubanos. Que eu apostava a cabeça de que a direção do PCUS e do governo soviético eram incapazes dessas atividades. Que são muito respeitosos etc., etc. Não obstante, na União Soviética – acrescentei – vivem mais de 250 milhões de habitantes e pode surgir entre eles algum cretino.” (*ibid.*, p. 127).

A reunião terminou com Lopo do Nascimento agradecendo pelos conselhos e despedindo-se amistosamente. No relatório, Raúl Castro acrescenta que “no domingo 23, quando Risquet se foi despedir de Lopo ao aeroporto, este disse-lhe que [sobre] o problema com os soviéticos, o presidente Neto tinha decidido escrever uma carta confidencial a Brejnev sobre o assunto” (*ibid.*, p. 127).

No mesmo documento, destacam-se os conselhos de Raúl Castro à direção angolana quanto à forma de se relacionar com os soviéticos. Ao regressar da União Soviética, o dirigente cubano fez questão, numa reunião com Agostinho Neto, de enfatizar

“a importância das relações com a União Soviética, de cuidá-las corretamente e situá-las no mais alto nível de atenção sem deixar o assunto em mãos de outros funcionários. Expliquei-lhe que, dado o decisivo desta questão, em Cuba era um assunto que Fidel atendia pessoalmente, independentemente dos organismos do Partido e do Estado responsáveis pelas relações exteriores, para evitar que essas relações fraternais se desgastem no mais mínimo e sugeri-lhe que prestasse a sua atenção pessoal a essas relações (*ibid.*, p.62).”

A União Soviética e o “27 de Maio”

É um fato que as relações fraternais entre angolanos e soviéticos passaram por um grande abalo imediatamente após o 27 de Maio. Ao contrário dos cubanos, que interviram ativamente e decidiram, com a sua ação militar, a vitória de Agostinho Neto, os soviéticos assistiram impávidos aos acontecimentos e demoraram a tomar uma posição oficial. Só ao fim de quatro

dias Moscou tornou pública a sua condenação aos chamados “fracionistas” e o apoio a Neto.

Vale a pena registrar que o primeiro despacho da agência noticiosa Tanjung, da Iugoslávia, emitido de Luanda e reproduzido por um jornal português (CONFRONTOS, 1977, p. 24), dava a notícia do ataque à cadeia de São Paulo feita pela 9ª Brigada de Infantaria Motorizada, dirigida por partidários de Nito Alves, atribuindo a iniciativa a “militantes consistentes do MPLA”, que tinham libertado “combatentes da revolução do povo, que foram acusados de traição”. Esta comunicação mostra como os “nitistas” terão desenvolvido contatos prévios com as embaixadas dos países do chamado Bloco do Leste, particularmente a iugoslava, o que torna inverossímil a hipótese de que a embaixada soviética não estivesse ao corrente dos preparativos da ação militar.

Mas, no seu livro *Hot Cold War*, o acadêmico russo Vladimir Shubin, que foi chefe da seção sobre África do Departamento Internacional do PCUS, nega qualquer ligação dos soviéticos com as iniciativas militares do dia 27 de maio e atribui a círculos ocidentais, assim como a “algumas forças no interior de Angola”, os rumores de envolvimento soviético no “golpe de Alves. (...) Apesar de esta alegação ser repetida de um livro para o outro, nunca vi qualquer referência que lhe desse substância”, afirma (SHUBIN, 2008, p. 70). Segundo o autor, o surgimento de imagens de Nito Alves num documentário soviético do início dos anos 80, utilizado como prova do seu prestígio na União Soviética, tem uma explicação muito simples: os documentaristas nada sabiam sobre a tragédia do “27 de maio”!

Esta convicção do acadêmico russo é questionada pelo Memorando de Raúl Castro para Fidel, enviado de Luanda dezoito dias depois dos acontecimentos do “27 de Maio”, a 14 de junho de 1977. Neste, informa-o sobre o “estado de opinião adverso” que encontrou entre as autoridades angolanas em relação aos funcionários e especialistas de segurança soviéticos radicados em Luanda.

“O eixo do problema consiste nas evidências de que Neto, Ludy [Kissassunda, membro do BP], Onambwe [um dos chefes da DISA] e outros dirigentes do MPLA têm no sentido de que vários cabecilhas do golpe, muito próximos a Nito, mantiveram encontros formais com diplomatas soviéticos. Esta informação, verificada pelo testemunho de vários detidos, veio somar-se ao desgosto de Ludy pela conduta e as

manifestações do Coronel Teodoroff, assessor soviético da DISA.”
(MEMORANDO, 1977, p. 1)

Consciente da delicadeza do assunto, Raúl Castro informa que decidiu usar o maior cuidado para lidar com essa questão, “não abordando o tema em nenhuma conversa com os angolanos” (*ibid.*, p. 1).

Segundo o Memorando, os contatos com as embaixadas dos países “socialistas”, em especial a soviética, teriam sido confirmados por Pedro Fortunato, o principal “nitista” preso até então. Ele contara a Ludy Kissassunda, que transmitira a informação ao general cubano Méndez Cominches, que Nito, Van Dunem e ele próprio tinham se reunido com o embaixador soviético. Dias depois, conduzido a falar com jornalistas, Fortunato justificou a suposta tentativa de “golpe” de Nito Alves e responsabilizou os cubanos pelo seu fracasso, acrescentando ainda que as embaixadas da Bulgária e do Vietnã sediaram reuniões com os “nitistas”.

Raúl Castro conta ainda no Memorando que a contrainteligência militar cubana começara a detectar “manifestações espontâneas de tradutores e especialistas militares soviéticos de aberta defesa de Nito e Bakalov”²⁶ e considerava que “Nito, Bakalov e os demais implicados ‘são amigos da União Soviética’”.

“Alguns [militares soviéticos] assumem posições muito mais beligerantes, outros declaram-se neutrais, e registra-se o caso do coronel Grishin (...) que chega a esconder e a transportar no seu automóvel um dos sediciosos. Conhecendo os soviéticos, e sobretudo os militares, pode-se afirmar que estas condutas e manifestações individuais, mesmo sendo absolutamente espontâneas, se explicam em última instância pelo conhecimento de uma determinada avaliação política dos seus chefes superiores” (*ibid.*, p. 3)

Raúl Castro citou ainda o jornalista soviético Valery Valkov, que acusava a embaixada da União Soviética de “manter desorientado o Centro de Moscou. Para este jornalista, os “nitistas” eram aventureiros irresponsáveis que brincavam com o sangue derramado por cubanos e angolanos”. (*Ibid.*, p. 3) Ponderando que não havia perigo de desenvolver-se uma tendência

²⁶ Eduardo Ernesto Gomes da Silva (“Bakalov”) foi um dos comandantes da 1ª região militar, eleito para o Comitê Central do MPLA em setembro de 1974, executado no “27 de Maio”.

antissoviética no seio do Bureau Político do MPLA, o autor do Memorando advertiu que

“equívocos desta natureza e, sobretudo, em conjunturas decisivas como as que acabam de viver os angolanos, deixam profundas marcas de ressentimento, viciam as relações e criam uma desconfiança que, a longo prazo, pode resultar altamente prejudicial para o futuro de Angola, e inclusivamente para os interesses estratégicos do socialismo na área.” (*ibid.*, p. 5)

O Memorando conclui afirmando ser imprescindível examinar “a conveniência ou não de transferir esta informação aos soviéticos, e de que forma fazê-lo se assim o decidirmos” (*ibid.*, p. 4).

Algumas conclusões

Os documentos que analisamos neste artigo evidenciam a solidez da relação entre a liderança cubana e a direção do MPLA, particularmente Agostinho Neto. Como vimos, essa ligação teve início quando ocorreram as primeiras incursões de Ernesto “Che” Guevara em África, numa reunião entre Guevara e Agostinho Neto em janeiro de 1965, em Brazaville. Os cubanos deram a primeira instrução militar aos guerrilheiros do MPLA e alguns desses instrutores voltariam a Angola uma década depois. A longa visita de Raúl Castro a Angola entre abril e junho de 1976, as onze reuniões entre Castro e Agostinho Neto e o conteúdo das discussões havidas confirmam uma relação de confiança. Os cubanos valorizavam acima de tudo a liderança de Neto, temendo pela sua vida e avançando propostas concretas para protegê-lo, com foi a formação da Guarda Presidencial comandada por um veterano militar cubano.

Por outro lado, o Informe de Raul Castro ao irmão também comprova que o novo Estado angolano dependia dos cubanos em vários e decisivos terrenos. Desde logo no plano militar: eram cubanos os pilotos da Força Aérea, eram cubanos os condutores dos tanques, tinham sido os cubanos a montar o sistema de comunicações das FAPLA e sem os técnicos cubanos o sistema não funcionaria. Do ponto de vista do apoio técnico civil – médicos, professores,

administradores – a presença cubana era imprescindível ao funcionamento do governo de Luanda.

Diante desta realidade, parece ainda mais inusitada a iniciativa militar-civil no dia 27 de maio liderada por Nito Alves e os seus aliados. Para ter êxito, ela precisaria contar, pelo menos, com a neutralidade das tropas cubanas. Mesmo que os revoltosos que tomaram a cadeia de São Paulo e a Rádio Nacional e convocaram uma grande manifestação popular em frente ao Palácio Presidencial nunca tenham atacado diretamente a figura do presidente Agostinho Neto, parece muito pouco provável que Nito Alves, José Van Dunem e Sita Valles achassem que os cubanos iriam assistir impávidos àquelas ações militares, sendo que Sita Valles chegou mesmo a afirmar, meses antes, a Maria Eugénia Varela Gomes,²⁷ que esperava o apoio dos cubanos (LEIRIA, 2017a).

Ninguém põe em causa que a intervenção das tropas cubanas foi decisiva para inclinar os pratos da balança para o lado do presidente de Angola e sua facção no MPLA. Em relação a isso há hoje consenso entre os principais historiadores que abordaram este episódio trágico da história angolana, apesar da versão oficial ser outra.²⁸

Quanto aos soviéticos, os documentos confirmam uma atitude muito diferente da dos cubanos. Já sabíamos que Moscou demorara quatro dias a se posicionar e a dar apoio a Agostinho Neto. Mas o Informe de Raúl Castro de abril-junho de 1976 mostra como a liderança de Neto estava desconfortável frente a uma simpatia explícita da embaixada soviética para com Nito Alves, e o Memorando do mesmo dirigente cubano de junho de 1977 não deixa dúvidas de que houve membros do corpo diplomático que apoiaram explicitamente as ações dos “nitistas” na manhã do dia 27, o que vinha sendo persistentemente negado oficialmente por Moscou e por historiadores como Vladimir Shubin.

Na altura em que escreveu o Memorando, a preocupação do dirigente cubano era tal que apontava o perigo de ficarem marcas de desconfiança do

²⁷ Filha do militar e famoso antifascista português João Varela Gomes, exilado em Angola entre 1975 e 1977, foi uma das principais dirigentes estudantis do PCP em Lisboa, junto com Sita Valles.

²⁸ O Bureau Político do MPLA afirma que as tropas leais ao governo que retomaram a Rádio Nacional e obtiveram a rendição da 9ª Brigada eram comandadas pelo comandante Onambwe e outros militares angolanos, e não por cubanos (ANGOLA, 1977, p. 46).

episódio que poderiam prejudicar o futuro de Angola e mesmo os “interesses estratégicos do socialismo na área” (MEMORANDO, 1977, p. 5) Mesmo assim, Raúl Castro hesitava em informar os soviéticos sobre a existência destas desconfianças e ressentimentos e, no caso afirmativo, não parecia muito seguro sobre como fazê-lo.

De um modo geral, fica claro que os cubanos tinham a iniciativa em Angola, gozando de alguma autonomia em relação a Moscou. Mas essa autonomia era limitada porque quem fornecia todo o equipamento bélico, os tanques de último modelo, os aviões MIG e os helicópteros era o governo soviético. Nesse sentido, é muito significativa a passagem do Informe de Raúl Castro ao Bureau Político do PCC em que este, ao relatar uma reunião que mantivera em Moscou com o chefe do Estado Maior das Forças Armadas soviéticas, Viktor Kulikov, comenta: “Não considere prudente, por agora, reiterar-lhe o pedido que Fidel fez a Grechko de que eles [os soviéticos] assumam os gastos das nossas tropas em Angola. Creio que haverá tempo noutra oportunidade a outro nível e não nesta visita”. (INFORME AL BURÓ POLÍTICO, 1976, p. 50) Daí a preocupação demonstrada por Raúl Castro de evitar conflitos e trabalhar para desfazer os ressentimentos da liderança de Angola para com o governo de Leonid Brejnev.

Os documentos que citamos neste artigo mostram também a profundidade das desconfianças e divergências que já existiam entre as duas facções do MPLA, de tal forma que dez meses antes do “27 de Maio” Agostinho Neto revelou ao cubano Jorge Risquet que tinha posto Nito Alves sob vigilância e que duvidava que ele fosse “recuperável”. Foi o próprio Risquet que informou o presidente de Angola acerca dos insistentes convites que recebera de Nito Alves para uma conversa franca sobre o futuro da revolução angolana (RELATÓRIO, 1976, p. 8), o que sugeria que o então ministro da Administração Interna estaria fazendo contatos alargados com representantes dos países amigos e nomeadamente com as embaixadas destes países.

Diante desses fatos, torna-se muito difícil acreditar que a ação militar dos “nitistas” na manhã de 27 de maio de 1977 tivesse sido uma surpresa para o governo angolano e a missão cubana. Aliás, o próprio Moracén Limonta, na entrevista já citada, reconhece que passou em claro a noite de 26 para 27, comprovando esperar que algo acontecesse.

Por outro lado, se os documentos deixam claro o envolvimento de pessoas da embaixada da União Soviética com a facção liderada por Nito Alves e José Van Dunem, não fica esclarecido se a liderança soviética foi avisada dos planos dos revoltosos e se os incentivou ou não. Mas a hipótese mais provável é que os “nitistas” estivessem certos do apoio soviético, o que lança uma nova luz sobre as ilusões de uma eventual neutralidade dos cubanos. Se a liderança soviética quisesse, certamente teria conseguido impedir a intervenção cubana. Mas aparentemente não quis.

Os documentos cubanos que analisamos mostram que os soviéticos pressionaram muito Agostinho Neto para que transformasse o MPLA num partido comunista, à imagem dos partidos comunistas alinhados com Moscou. Foi isto que sublinhou Mikhail Suslov na conversa mantida com Raúl Castro em Moscou:

“A questão está colocada precisamente assim: se no país existe um partido forte, coeso, com bons quadros, evidentemente as perspectivas do movimento em Angola estarão asseguradas. Se não houver um tal partido, se continuar a situação agora existente, então a sua inquietação [de Raúl Castro] é absolutamente justificada. É certo, nós conhecemos bem Neto, como lutador consequente e de princípios, conhecemos as suas convicções políticas, o seu valor e a sua coragem, mas se não existir no país um partido forte e firme, naturalmente não pode haver nenhuma garantia.” (INFORME AL BURÓ POLÍTICO, 1976, p. 52).

Suslov mostrou ainda a importância que a liderança soviética atribuía à próxima visita de Lopo do Nascimento a Angola: “A par disso esperamos a chegada a 20 de maio [de 1976] do primeiro-ministro da RPA [República Popular de Angola], com o qual se manterão as correspondentes conversações e consultas, durante as quais se poderão pontualizar as direções e a escala da nossa colaboração”.

Os soviéticos conheciam a resistência de Agostinho Neto a seguir acriticamente as diretrizes de Moscou e desconfiavam de Lúcio Lara e de Iko Carreira. Temiam que o MPLA fosse mais um movimento nacional-libertador que, obtida a independência de Angola, se distanciasse da linha moscovita para seguir posições terceiro-mundistas, de não alinhamento com qualquer dos dois blocos da Guerra Fria. (WESTAD, 1996/1997, p. 28) A criação de um partido comunista seria um antídoto para as pressões terceiro-mundistas. E o apoio

soviético velado a Nito Alves, que combatia Lúcio Lara e Iko Carreira, poderá ter sido usado por Moscou como uma forma de pressão para que Neto reforçasse os laços com a União Soviética e adotasse a política que Moscou lhe queria impor. Na verdade, Nito Alves era o maior defensor da política da União Soviética dentro do MPLA e, conforme relato do sobrevivente do “27 de Maio” José Reis, a sua facção lançara-se na tentativa de ganhar o congresso do MPLA agendado para aquele mesmo ano. (REIS, 2018, p. 121)

Note-se que ao mesmo tempo em que as divergências entre a facção de Neto e a de Nito se ampliavam, as relações oficiais do Estado angolano com a União Soviética tornavam-se cada vez mais sólidas. Duas datas mostram-no: em maio de 1976, a visita oficial do primeiro-ministro de Angola à União Soviética; em outubro de 1976, a assinatura do Tratado de Amizade entre Angola e União Soviética. Esta aproximação pode ter sido decisiva para que os soviéticos tivessem “deixado cair” Nito Alves, José Van Dunem e Sita Valles, pois já tinham obtido de Agostinho Neto o que queriam.

A confirmar a possibilidade de os soviéticos terem, de fato, abandonado os “nitistas” à sua sorte está a opinião de José Fernandes Fafe, o primeiro embaixador português em Havana (1974-1977), que afirmou recentemente que a opção dos cubanos de aceder ao pedido de Neto e esmagar a sublevação protagonizada pela corrente de Nito Alves e José Van Dunem não foi tomada autonomamente. Entrevistado a 14 de fevereiro de 2016 pelo jornalista e historiador António Louçã, Fafe relatou desta forma o pedido de ajuda do presidente angolano ao homólogo cubano na manhã do 27 de Maio de 1977:

“O Neto telefona [a Fidel] duas vezes, dá-lhe a entender que é decisivo que os cubanos intervenham, mas o Fidel demora a responder. Há no MPLA quem diga: “eles demoraram, esses cubanos bem demoraram”. A resposta de Fidel demorou horas, o que deve ter parecido ao Neto séculos, porque aquilo não estava dominado. (...) Se eles pensassem dois segundos, percebiam que uma coisa dessas não se faz sem telefonar para Moscovo, até porque corria que a embaixada soviética estava metida e era pró-Nito Alves.”²⁹

²⁹ A gravação desta entrevista, feita pelo historiador para a sua biografia de Varela Gomes (LOUÇÃ, 2016) está depositada no Centro de Documentação 25 de Abril.

Finalmente, os documentos que analisamos neste artigo não ajudam a esclarecer o grau de envolvimento dos cubanos na sangrenta repressão que se seguiu ao 27 de maio de 1977. O Memorando de Raúl Castro evita cuidadosamente este assunto. Mas o certo é que, ao esmagar a última facção sobrevivente no interior do MPLA, a direção de Agostinho Neto conseguiu aquilo que há muito perseguia: impedir, por várias gerações, o surgimento de uma alternativa à sua liderança e a de seus sucessores. Livre de qualquer questionamento, Agostinho Neto pôde dirigir, de 4 a 10 de dezembro de 1977, um congresso que aprovou o nascimento do MPLA – Partido do Trabalho sob a égide do busto de Lênin instalado atrás da tribuna, sem que isso parecesse contraditório com a perseguição e aniquilamento da facção pró-soviética do partido.

Fontes primárias

- 24 ÓRFÃOS do 27 de Maio dirigem carta à Presidência. *Esquerda.net*, mai. 2017. Disponível em <https://www.esquerda.net/dossier/angola-24-orfaos-do-27-de-maio-dirigem-carta-presidencia/48822>. Acesso em 8 jun. 2018.
- 40 AÑOS de la primera visita de Fidel Castro a Angola. Site oficial do Ministério das Relações Exteriores de Cuba, mar. 2017. Disponível em <http://www.minrex.gob.cu/es/40-anos-de-la-primera-visita-de-fidel-castro-angola>. Acesso em 16 jul. 2018.
- AFLALO, F. Sou jornalista, não atirei em ninguém! *Isto É*, jun. 1977.
- ALVES, N. *13 Teses em Minha Defesa*, 1977. Disponível em <http://www.27maio.com/>. Acesso em 8 set. 2014.
- ANGOLA: a tentativa de golpe de Estado de 27 de Maio de 77. Informação do Bureau Político do MPLA. Lisboa: Edições Avante, 1977.
- BAEZ, L. Angola fue una escuela. *Granma*, jul. 2017. Disponível em http://www.granma.cu/granmad/secciones/50_granma-80_fidel/secretos_de_generales/art08.html. Acesso em 25 mai. 2018.
- CONFRONTOS em Luanda. *Diário de Lisboa*, mai. 1977.
- INFORMAÇÃO para o Sr. Presidente da República. Ministério das Relações Exteriores, jun. 1977. Disponível em <http://www.historia.uff.br/nec/documentos>. Acesso em 16 jan. 2018.

INFORME AL BURÓ POLÍTICO del segundo secretario del Comité Central del Partido Comunista [...], 19 abr. a 7 jun. 1976. WCDAI-HD, Disponível em <http://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/117920> .

MEMORANDUM, Raúl Castro to Fidel Castro, 14 jun. 1977. Disponível em: <http://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/117927>. WILSON CENTER DIGITAL ARCHIVE INTERNATIONAL. HISTORY DECLASSIFIED (WCDAI-HD). Cuba and Southern Africa. Disponível em: <http://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/117927>

MÚRIAS, M. B. Nas ruas de Luanda com a gente de Nito: “Revolução é como a bicicleta, camarada”. *O Jornal*, jun. 1977.

NERY, S. Angola: fraccionista? Pois serás fuzilado! *IstoÉ*, jul. 1977.

RELATÓRIO de Jorge Risquet to Fidel Castro, 13 jul. 1976. WILSON CENTER DIGITAL ARCHIVE INTERNATIONAL. HISTORY DECLASSIFIED (WCDAI-HD). Cuba and Southern Africa. Disponível em: <http://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/11792> .

WILSON CENTER DIGITAL ARCHIVE INTERNATIONAL. HISTORY DECLASSIFIED (WCDAI-HD). Cuba and Southern Africa. Disponível em: <http://digitalarchive.wilsoncenter.org/collection/173/cuba-and-southern-africa>

Referências bibliográficas

ANDRADE, J. P.; Carranca, A. Fomos encostados à parede. *Expresso*, jul. 2017. Disponível em <<http://expresso.sapo.pt/internacional/2017-06-04-Angola-77#gs.l0ZBCt4>>. Acesso em 20 jul. 2018.

ANDREW, C.; MITROKHIN, V. *The World Was Going Our Way – The KGB and The Battle for the Third World*. New York: Basic Books, s/d.

BIRMINGHAM, D. *A Short History of Modern Angola*. New York: Oxford University Press, 2015.

BITTENCOURT, M. *Estamos juntos! O MPLA e a luta anticolonial (1961-1974)*. Luanda: Kilombelombe, 2008.

CABRITA, F. A revolução perdida de Sita Valles. *Expresso revista*, jan. 1992. Disponível em <https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1426365150989242&id=1423872711238486&substory_index=0>. Acesso em 8 jul. 2018.

FIGUEIREDO, L. *Sita Valles. Revolucionária, Comunista até à morte (1951-1977)*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2010.

- GEORGE, E. *The Cuban Intervention in Angola, 1965-1991 – From Che Guevara to Cuíto Cuanavale*. New York: Frank Cass, 2005.
- GLEIJESES, P. Moscow's Proxy? Cuba and Africa 1975–1988. *Journal of Cold War Studies*, v. 8, n. 2, p.3-51, 2006.
- _____. *Conflicting Missions – Havana, Washington and Africa (1959-1976)*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2002.
- _____. *Visions of Freedom: Havana, Washington, Pretoria, and the Struggle for Southern Africa, 1976-1991*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2013.
- LEIRIA, L. As duas revoluções de Sita Valles. *Esquerda.net*, mai. 2017a. Disponível em <<https://www.esquerda.net/dossier/duas-revolucoes-de-sita-valles/48810>>, consultado em 31.7.2018.
- _____. Nito Alves foi uma vítima do maquiavélico Agostinho Neto. *Esquerda.net*, Lisboa, mai. 2017b. Disponível em <https://www.esquerda.net/dossier/nito-alves-foi-uma-vitima-do-maquiavelico-agostinho-neto/48959>. Acesso em 16 jul. 2018.
- LOUÇÁ, A. *Varela Gomes*. Lisboa: Parsifal, 2016.
- Mabeko-Tali, J.-M. *Guerrilhas e Lutas sociais 1960-1977. O MPLA perante si próprio*. Lisboa: Mercado de Letras, 2018.
- MATEUS, D. C.; MATEUS, A. *Purga em Angola – o 27 de Maio de 1977*. Lisboa: Texto Editora, 2009.
- MONTOTO, R. S.-P. A propósito de la presentación del libro “El General que conocí”. *Cuba Debate*, nov. 2015. Disponível em <http://www.cubadebate.cu/opinion/2015/11/20/a-proposito-de-la-presentacion-del-libro-el-general-que-conoci/#.WjAmK1cxTMU>. Acesso em 12 dez. 2017.
- PACHECO, C. *Agostinho Neto: o perfil de um ditador: a história do MPLA em carne viva*. Lisboa: Vega, 2016.
- PAWSON, L. O 27 de Maio angolano visto de baixo. *Relações Internacionais*, Lisboa, v. 14, p. 159-176, 2007.
- PEREIRA, P. S. Ascensão e queda violenta do Nitismo. Agência Lusa, out. 2015. Disponível em <http://www.independenciaslusa.info/ascensao-e-queda-violenta-do-nitismo/>. Acesso em 22 mai. 2017.
- REIS, J. *Angola – o 27 de Maio. Memórias de um sobrevivente*. Lisboa: Nova Vega, 2017.
- _____. *Angola – o 27 de Maio. A História por contar*. Lisboa: Nova Vega, 2018.

SHUBIN, V. *The "Hot Cold War" – The USSR in Southern Africa*. Scottsville: Pluto Press, 2008.

WESTAD, O. A. Moscow and the Angolan Crisis, 1974-1976: A New Pattern of Intervention. *Cold War International History Project Bulletin*, v. 8-9, p. 21-32, 1996/1997.